**“À procura do norte” nos encontramos com as crianças: um lampejo das tessituras curriculares cotidianas na UMEI Regina Leite Garcia a partir das narrativas docentes**

Luziane Patricio Siqueira Rodrigues – UERJ/FFP e FME/Niterói

**Resumo**

O presente trabalho apresenta um recorte da pesquisa de doutorado que teve por objetivo investigar a produção de sentidos que emerge dos currículos produzidos com crianças de dois a cinco anos de idade. Assumindo as rodas de conversas e as narrativas docentes como opção política e metodológica, enquanto havia a proposta de iniciar bordados, as docentes eram convidadas a narrarem sobre suas práticas com as crianças. As narrativas oferecem subsídios que nos permitem conhecer e discutir os currículos produzidos com as crianças. Desse modo, a tessitura dos processos formativos e a produção curricular compõem a proposta com vias a ampliação das reflexões sobre os currículos na Educação Infantil e desenvolvimento da docência, assumindo apenas as crianças como direcionamento das nossas ações docentes.

Palavras Chaves: Narrativas de professoras; Educação Infantil; Currículos; Cotidianos.

*Entre o bem e o mal, o belo e o feio, o certo e o errado, há sempre um meio termo ou, pelo menos, um porquê. Paradoxo de vida, mas também de pesquisa (percebam, aqui já estou novamente na dicotomia. É possível separar a vida da pesquisa?), seguimos na complexidade entre o norte e o sul, reconfigurando pesquisa, pesquisador, crenças, (in)certezas daquilo que nos move a pesquisar. (Luziane)*

As orientações legais, em especial, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) em 2009, pontuam a existência dos currículos, caracterizando-os em seu Art 3º como conjuntos de práticas que articulam os saberes e conhecimentos das crianças com os conhecimentos diversos que possibilitem o desenvolvimento integral das mesmas.

Localizada na zona norte de Niterói, a UMEI Regina Leite Garcia é inaugurada em novembro de 2016, mas passa a receber as primeiras professoras efetivas no início do ano de 2019. Nesse momento, quando estou no cargo de gestão, sou questionada por minhas colegas professoras, recém-chegadas "Qual o currículo daqui?". De imediato, a pergunta se funde à minha história enquanto professora e pesquisadora, uma vez que essa havia sido a pergunta que eu também fizera anos antes. Entre conversas, questionamento e rememorações, tem origem uma pesquisa de doutorado e um intenso processo de formação e discussão sobre a escola da Educação Infantil, currículos e docência com crianças de 2 a 5 anos de idade.

Assumo que os currículos são produzidos nos cotidianos, em um movimento vivo, que dialoga com a definição de currículo nos termos das DCNEI. Nesse sentido, consideram-se as vivências, os conhecimentos das professoras -, que se tecem com seus pares, com as crianças, com o meio, com as famílias -, dos modos em que as crianças vão se reconhecendo como sujeitos históricos, demandando tempo, estudo e condições de trabalho, bem como espaços que acolham as singularidades.

A partir da tessitura das conversas com as professoras, identificava que as mesmas demandavam um direcionamento que sugeria uma percepção de currículos pensados e propostos por agentes externos, como por exemplo, gestores ou por políticas públicas. Nisso, reconheci a minha própria expectativa enquanto professora iniciante e que expressava o entendimento de currículo como programa/lista de conteúdo determinados por outros sem a participação da professora e das crianças. Isso me instigou a perguntar: que currículos, nós, professoras, esperamos encontrar na Educação Infantil?

Entendo que os currículos são frutos de uma constante reconfiguração de crenças e convicções e, até mesmo, de formação, dialogando com as vivências e concepções que, por vezes, trazemos impregnadas de nossas trajetórias pessoal e profissional, uma vez que “somos formados e nos formamos em redes de conhecimento e significações” (Alves; Santos, 2016, p. 375), logo, na docência, mobilizamos tais redes na produção curricular.

No entanto, alguns pressupostos e práticas tradicionalmente presentes em nossa formação serão, provavelmente, questionados quando atuamos na Educação Infantil. Mantovani (2014), alerta que uma relação de conhecimentos e de habilidades referentes ao desenvolvimento humano, esperados para cada faixa etária, por exemplo, não é suficiente, sendo necessário conhecer a criança em suas relações fora do contexto familiar, nesse caso, na escola que a recebe. Sendo assim, “o educador pode chegar a ter uma série de conhecimentos sobre a criança em geral, mas deverá encontrar novas modalidades para criar para si uma experiência e um papel numa situação concreta e nova” (2014, p. 31). Para tal, compreendo ser necessário articular as discussões sobre as especificidades da Educação Infantil, no sentido de produzirmos currículos que considerem a criança como centro das ações, como preconizam as DCNEI.

A partir das conversas com as professoras, percebendo a potencialidade das mesmas, passo a assumi-las como abordagem política e metodológica. Dialogando com Garcia (2015) as conversas possibilitam o intercâmbio das narrativas das professoras sobre suas práticas, permitindo “ampliar as possibilidades políticas, epistemológicas e metodológica no diálogo com os saberes produzidos nos cotidianos das escolas, sobretudo com os saberes docentes” (Garcia; Rodrigues, 2016, p. 427).

Assim, fundamentada nas conversas, a pesquisa tem como principal fonte de conhecimento as narrativas das professoras, adotando como Petrucci-Rosa (2009, p. 94) a concepção de que as narrativas são formas de dizer da experiência. Ademais,

[...] para compreender a vida dos professores e suas práticas nas escolas, parece-nos que o melhor caminho é fazê- los narradores do próprio trabalho e da sua constituição como docente, apoiando-os em seu processo de se fazerem professores e pesquisadores, sujeitos que querem compreender o que lhes toca, o que lhes acontece e o que fazem acontecer. (Lima, Geraldi, Geraldi 2015, p. 40)

Ao assumir o aporte teórico das pesquisas com os cotidianos e abordagem narrativa, a pesquisa possibilitou um espaço colaborativo de formação, uma vez que, aprendizagens e saberes foram mobilizados. Ao narrar, as professoras puderam reelaborar suas práticas pela rememoração, ao mesmo tempo em que eu tenho a possibilidade de compreender e ampliar a minha própria formação, no diálogo com as práticas narradas.

Buscando coerência entre conteúdo e forma, para apresentação dos dados, emprego a metodologia proposta por Petrucci-Rosa (2009), que consiste na organização das narrativas em pequenas histórias ou crônicas, com edição de um título, que recebem o nome de mônadas.

A meu ver, a escolha metodológica possibilita que as narrativas ganhem um papel de destaque, com a intenção de desinvibilizar saberes docentes mobilizados na produção curricular (Garcia, 2015), possibilitando-nos problematizar como o professor se percebe, como percebe a criança, bem como a educação das mesmas, revelando particularidades do fazer docente na Educação Infantil, bem como o entendimento sobre os currículos. Sobre isso, trago uma das mônadas da pesquisa para o diálogo.

***“Norte”***

*Quando eu estava conversando com a Maria Rita, a gente se questionava: tínhamos de ter um norte, quando a gente chegou aqui. Hoje, entendo o objetivo da EAP ao deixarem a gente se guiar pelo cotidiano das crianças. Até o meado do ano de 2019, eu pensava assim, “caramba, o tiro saiu pela culatra. Porque a gente está perdida e o negócio não sai. A equipe de articulação pedagógica deve estar pensando que o objetivo não foi alcançado”. Só que ontem eu estava falando que o objetivo foi alcançado, porque a gente saiu pra estudar, já que a gente lida com uma determinada realidade que nos obriga a estudar o tempo todo, porque a gente se deparou com o desconhecido. Pelo menos eu não estava acostumada a ir pela realidade do aluno, ver o que ele está trazendo, como a gente pode construir a partir daí... tem que ter muito estudo de como pode ser bom pra ele, mas também tem muito aprendizado de como a gente sai daqui. (Clara)*

O título dessa mônada dialoga com um dos dados da pesquisa, que se refere aos pedidos pelo “Norte”, que, dialoga com a necessidade de direcionamento por parte das professoras, a fim de executarem o trabalho com as crianças. Desse modo, o currículo é assumido como programa/lista de conteúdo determinados por outros. No entanto, em sua narrativa, a professora reitera que, por mais que nosso desejo inicial seja o de ter uma relação de conteúdos para seguir, as propostas pedagógicas têm início a partir da interação com as crianças. Logo, é preciso “entrar na relação com as crianças (e não com os alunos), mergulhar na busca pelo desconhecido, construir a identidade do grupo junto com as crianças” (Ostetto, 2000, p. 190). Ou seja, não é coerente pré-estabelecer uma relação de conteúdos a ser trabalhada, uma vez que se assume o entendimento de que o direcionamento parte das crianças. Assim, os currículos serão produzidos e alimentados a partir da relação estabelecida entre os partícipes e da mobilização das redes.

Importante destacar que os currículos não são algo pronto, mas antes, “criação cotidiana dos *praticantespensantes* das escolas” (Oliveira 2012, p. 17). Assumo o entendimento de currículos *praticadospensados,* a fim de marcar a indissociabilidade entre teoria e prática, reflexão e ação. (Oliveira, 2012, p. 3)

Outro ponto que merece destaque, principalmente, frente aos ataques atuais de culpabilização da docência e representações demeritórias da escola e seus praticantes, refere-se ao fato de que, as inúmeras referências ao “norte” nas narrativas das professoras, dialoga com o pensamento hegemônico que toma o norte como referência. Desse modo, corremos o risco de desconsiderar os saberes das crianças e suas famílias, ao mesmo tempo em que nós, professoras, abrimos mão da nossa autoria e autonomia, uma vez que, um dos dados desta tese aponta para o que prevalece no pensamento das professoras, no sentido de termos um eixo orientador das práticas docentes.

No recorte temporal do doutorado, a pesquisa se encerrou, no entanto, nós, da UMEI Regina Leite Garcia, continuamos no movimento de repensar os processos formativos, bem como na produção curricular. Na busca pela incessante coerência, como nos lembra Paulo Freire, à “procura do Norte” temos nos encontramos com as crianças, suas inquietações e experiencias, bem como a nossas singularidades.

É possível perceber, nas narrativas docentes, produções curriculares dinâmicas e redes de significações, que dizem sobre as práticas de uma unidade específica, mas que apontam particularidades de ser professor e professora na Educação Infantil. Além de compartilhar histórias de autoria do fazer docente, na interlocução com as professoras, há a possibilidade de tecer narrativas, que nos ajudam a ampliar a reflexão sobre os currículos na Educação Infantil, a fim de projetar propostas curriculares de qualidade para todas as crianças.

**Referências:**

BRASIL.(2009b) Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE∕CEB no 5/2009. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 18 dez de 2009.

ALVES, Nilda G.; SANTOS Joana R. Redes de conhecimentos e currículos: agenciamentos e criações possíveis nos movimentos estudantis recentes. **Espaço do Currículo**. v.9, n.3, set a dez de 2016, p. 372-392.

GARCIA, A. O encontro nos processos formativos: questões para pensar a pesquisa e a formação docente com as escolas.In: **37ª Reunião Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação**, 2015, Florianópolis.Anais da 37a Reunião Científica da ANPEd. Florianópolis: ANPEd/UFSC, 2015. v. 1.

LIMA, M. E. C. C.; GERALDI, C. G.; GERALDI, J. W. O trabalho com narrativas na investigação em educação. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.31, n. 1, p.17- 44, jan./mar. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/v31n1/0102-4698- edur- 31-01-00017.pdf>. Acesso em: 9 out. 2019.

MANTOVANI, Susanna e PERANI, Rita M. Uma profissão a ser inventada: o educador da primeira infância. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart e VITA, Anastásia de. (Org.) **Ler com bebês:** contribuições das pesquisas de Susanna Mantovani. Trad. Fernanda Ortale et al.Campinas, SP: Autores Associados, 2014.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. **O Currículo como criação cotidiana.** Petrópolis: DP et Alli, 2012.

OSTETTO, Luciana E. Planejamento na Educação Infantil, mais que a atividade, a criança em foco. OSTETTO, Luciana E. (Org.) **Encantos e encantamentos na Educação Infantil:** partilhando experiências de estágios. Campinas, SP: Papirus, 2000.

PETRUCCI- ROSA, Maria Inês Petrucci. Currículo e narrativa: potencialidades das mônadas para uma outra compreensão dos acontecimentos educativos. In: MACEDO, Elizabeth; MACEDO, Roberto Sidnei; AMORIM, Antonio Carlos. **Discurso, texto, narrativa nas pesquisas em currículo.** Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2009. (E-book GT Currículo). Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/gtcurriculoanped/documentos/LivroDigital_Amorim2009.pdf>. Acesso em abril de 2021.

RODRIGUES, Allan; GARCIA, Alexandra. As conversas nas produções curriculares cotidianas. **Espaço do Currículo**. v. 9, n. 3, set a dez de 2016. p. 423-437.